

A SOCIEDADE DIGITAL DO SÉCULO XXI: UMA REFLEXÃO SOBRE A IDENTIDADE

TOMÁS CARVALHO GUERRA¹¹

RESUMO: O presente artigo reflete sobre a Sociedade Digital, nomeadamente o impacto que a Nova Era Digital teve na identidade do ser humano, aqui entendido como *Dasein* (ser-aí).

ABSTRACT: This article reflects on the Digital Society, namely the impact that the New Digital Age has had on the identity of the human being, here understood as *Dasein* (being-there).

SUMÁRIO: 1. A Criação de *Personas* (Digitais) como *Verfallenheitk* do *Dasein*. 2. A *Uneigentlichkeit* atingida através da Fargmentação. 3. A *Mauvaise Foi* Digital como Escape para a Liberdade. 4. As Nossas Identidades já estão Fraturadas.

PALAVRAS-CHAVE: *Dasein*; *Mauvaise Foi*; Liberdade; Identidade.

KEY-WORDS: *Dasein*; *Mauvaise Foi*; Freedom; Identity.

¹¹ O autor, para além de assumir dois cargos de *Research Assistant*, é Investigador Júnior no Observatório da Aplicação do Direito da Concorrência, Universidade Católica Portuguesa, Conselheiro Científico na Revista *Ex Libris* e Coordenador da Comissão Executiva da Revista *Vere Dictum* Binário. Foi Colaborador na Clínica Jurídica do Porto, UCP. No passado foi Estagiário na AdC (Departamento de Contencioso), na Uría Menéndez (Departamento de Concorrência e Direito da União Europeia), na Morais Leitão, Galvão Teles, Soares da Silva & Associados (Departamento Criminal, Contraordenacional e Compliance), na Garrigues (Departamento Laboral), na PLMJ (Departamento Laboral) e na VdA (Departamento de Concorrência e Direito da União Europeia).

1. A Criação de *Personas* (Digitais) como *Verfallenheitk* do *Dasein*

Atualmente, habitamos tanto uma existência física como digital, criando *personas online* que podem divergir das nossas identidades (*ταυτότης*) no mundo real¹². As redes sociais, *exempli gratia*, mudaram a forma como as pessoas se percebem e se apresentam ao mundo. A necessidade de cultivar uma identidade *online*, muitas vezes moldada por métricas arbitrárias¹³, como

gostos, partilhas e comentários, pode espolpear a criação de uma versão do *Self* (*αὐτός*) que pode não corresponder *in toto* à verdadeira (*ἀλήθεια*¹⁴) identidade (*χαρακτήρ* ou *ταυτότης*¹⁵)¹⁶.

¹² “This shift has significant implications for human identity and existence. The fragmentation of identity and the proliferation of multiple forms of existence in the digital domain result in a distancing of humans from the essential meanings and realities of their existence. The outcome is a predictable alienation from the actuality of their lived experiences, an escape from the tangible realities of life, leading to a loss of authenticity and meaning”, HAMBALI, YULI AHMAD (2023). *Being in the Digital World: A Heideggerian Perspective*. In *Jurnal Aqidah dan Filsafat Islam*, vol. 8, n.º 2, p. 276.

¹³ “Não existe mais o ser de carne e osso? O homem projetado na imagem é hoje a única forma de existir? Pereceram os espelhos engolidos pelas telas? Sucumbiu a realidade diante da edição? Desistiu-se da existência em troca da

aparência? Que temos são esses, nos quais só me sinto vivo se alguém curtir, comentar ou compartilhar o que posto? Será esse o tempo do Homo Algorithms, reduzido tão somente a uma operação algorítmica? Pode-se inferir que sim: vive-se o vigor da Era da Algorocracia”, BANDEIRA, NEHEMIAS; RONCHI, CARLOS CÉSAR (2019). *Redes Sociais: A Doce Tirania das Vidas Expostas: Ensaio sobre a Transformação do Viver e Sobreviver na Era das Redes*. Juruá, p. 9.

¹⁴ A palavra do grego antigo *ἀλήθεια* (*aletheia*) significa “verdade” ou “realidade”. A raiz de *ἀλήθεια* provém do verbo *λανθάνω* (*lanthanō*), que significa “estar escondido” ou “escapar à atenção”. Assim sendo, *ἀλήθεια* pode ser entendido como “aquilo que não está oculto” ou “descoberto”.

¹⁵ O termo *ταυτότης* (*tautótēs*) deriva da antiga palavra grega *ταυτός* (*tautós*), que significa “o mesmo” ou “idêntico”. A raiz desta palavra está ligada ao prefixo grego *τα-* (*ta-*), que indica semelhança ou identidade, combinado com o sufixo *-της* (*-tēs*), usado para formar substantivos que indicam um estado ou condição. Assim, *ταυτότης* refere-se ao estado de ser o mesmo ou de manter uma identidade consistente. Em contraste, *χαρακτήρ* (*charaktēr*) tem origem

O mundo digital permite, assim, a criação de múltiplas *personas* ou identidades cuidadosamente selecionadas e endogenamente (ἔνδον) trabalhadas com fins puramente exógenos (ἔξω); com o culminar na perda da liberdade, o valor mais fundamental da vida humana, visto que o ser humano perde a sua autonomia individual quando pretende confundir-se (e não, fundir-se) com o outro¹⁷. Os indivíduos podem apresentar certos aspetos de si próprios, *verbi*

no verbo *χαράσσω* (*charássō*), que significa “gravar” ou “esculpir”.

¹⁶ “A sujeição e a negação da vida real pressionam o indivíduo a atender às exigências forjadas nos discursos narcísicos da contemporaneidade. Tem-se materializado então a personalidade ‘por encomenda’ construída pela simples articulação arbitrária das aparências. Cabe, porém, ressaltar que a negação da realidade gera uma aniquilação do indivíduo, em consequência de que os próprios fundamentos da vida subjetiva e social são atacados”, BANDEIRA, NEHEMIAS; RONCHI, CARLOS CÉSAR (2019). *Redes Sociais: A Doce Tirania das Vidas Expostas: Ensaio sobre a Transformação do Viver e Sobreviver na Era das Redes*. Juruá, p. 48.

¹⁷ BANDEIRA, NEHEMIAS; RONCHI, CARLOS CÉSAR (2019). *Redes Sociais: A Doce Tirania das Vidas Expostas: Ensaio sobre a Transformação do Viver e Sobreviver na Era das Redes*. Juruá, p. 48.

gratia, nas redes profissionais, outros nas redes sociais e versões completamente diferentes em espaços digitais mais privados.

Esta fragmentação levanta, *ipso facto*, questões sobre a autenticidade do αὐτός: se a identidade de uma pessoa está dispersa por um vasto leque de plataformas, será que existe um *Eu* autêntico? Afinal, os espaços digitais, nomeadamente através da realidade virtual e da realidade aumentada, oferecem a possibilidade de criar e incorporar identidades inteiramente novas¹⁸; esta multiplicidade, embora fascinante, também corre o risco de fragmentar o *Eu*, conduzindo a uma forma de dissonância digital

¹⁸ “A sujeição e a negação da vida real pressionam o indivíduo a atender às exigências forjadas nos discursos narcísicos da contemporaneidade. Tem-se materializado então a personalidade ‘por encomenda’ construída pela simples articulação arbitrária das aparências. Cabe, porém, ressaltar que a negação da realidade gera uma aniquilação do indivíduo, em consequência de que os próprios fundamentos da vida subjetiva e social são atacados”, BANDEIRA, NEHEMIAS; RONCHI, CARLOS CÉSAR (2019). *Redes Sociais: A Doce Tirania das Vidas Expostas: Ensaio sobre a Transformação do Viver e Sobreviver na Era das Redes*. Juruá, p. 48.

em que os indivíduos se sentem desligados de um sentido coerente de identidade¹⁹. Pensando no metaverso, importa recordar a ideia de *metaversal selves* de HERMAN NARULA: “The defining characteristics of a metaverse, then, is the way in which it generates a network of meaning and value between the real world and the half-like world or worlds that are linked. A metaverse is a network of consequence and meaning, and participating in these networks allows us to become what I term our full metaversal selves. Meaning flows directly from the other world to the real world –

¹⁹ “Within the digital sphere, the omnipresence of technology has dramatically redefined these existential dimensions. The digital milieu, characterized by its virtual environments and immediacy, poses challenges to traditional conceptions of time and space. The state of perpetual connectivity and instantaneous communication, while augmenting accessibility and operational efficiency, simultaneously disrupts the authentic experience of temporality and spatiality as delineated by Heidegger’s ‘Dasein’”, HAMBALI, YULI AHMAD (2023). *Being in the Digital World: A Heideggerian Perspective*. In *Jurnal Aqidah dan Filsafat Islam*, vol. 8, n.º 2, p. 279.

and, in turn, back from the real world to the other world”²⁰.

Ainda que esta multiplicidade de identidades possa representar uma manifestação da liberdade de (auto)expressão, também introduz uma fluidez de identidade que pode induzir um colapso dos pilares (στήλη) conceptuais (ιδέα) em cima dos quais se constrói a sistematização ontogeneticamente (semi)determinada da raça humana, os indivíduos selecionam várias *personas* nas plataformas, adaptando o seu comportamento e a sua autoapresentação às expectativas de diferentes públicos. *Quocumque modo*, importa, mesmo assim, perguntar: quando as identidades se tornam flexíveis e transitórias, existe o risco de perder um sentido estável do *Eu*, ou será que esta flexibilidade enseja novas possibilidades de autorrealização que, anteriormente, não eram possíveis?

2. A *Uneigentlichkeit* atingida através da Fragmentação

Neste *pārādigma* (παράδειγμα), os conceitos de *Angst* e *Unhei-*

²⁰ NARULA, HERMAN (2022). *Virtual Society*. Penguin, pp. 118-119.

mlichkeit, de HEIDEGGER, e de má-fé (*mauvaise foi*), de SARTRE, tornam-se, mais uma vez, relevantes. Na sua obra *Sein und Zeit*, a angústia existencial (*Angst*²¹) revela a fragilidade dos nossos compromissos quotidianos e coloca o indivíduo frente-a-frente com a sua liberdade e potencial

²¹ Para HEIDEGGER, a angústia não é apenas um estado psicológico, mas uma experiência existencial profunda que revela a natureza do nosso ser. A angústia, para HEIDEGGER, é um estado de espírito fundamental que revela algo essencial sobre a nossa condição de *Dasein* (o termo de HEIDEGGER para a existência humana ou “ser-aí”). Afasta-nos das distrações do mundo quotidiano (aquilo a que HEIDEGGER chama o “eles”, ou *das Man*, as normas e convenções da sociedade). Na angústia, o mundo familiar das ferramentas, relações e atividades torna-se estranho (*unheimlich*), deixando de fazer sentido, pelo menos da forma habitual. A experiência da angústia revela a falta-de-chão (*Abgrund*) fundamental da existência. Na vida quotidiana, vivemos muitas vezes de forma inautêntica (*Uneigentlichkeit*), absorvidos pelas rotinas e distrações do mundo-que-é (conformando-nos com as normas sociais sem as questionar). A angústia perturba esta absorção, criando uma abertura para enfrentarmos o nosso próprio Ser-para-a-morte (*Sein-zum-Tode*) - a nossa natureza finita e a responsabilidade final pelas nossas vidas.

para uma existência autêntica. Do mesmo modo, a *Unheimlichkeit* (muitas vezes traduzida como “estranheza” ou “falta de familiaridade), que se torna mais intensa com os momentos de angústia existencial, descreve a sensação estranha de não-estar-em-casa no mundo, o que sublinha a alienação e a desorientação inerentes à existência humana (moderna). Estes sentimentos, fundamentais para a autenticidade do *Dasein* (*Eigentlichkeit*²²), são, naturalmente, desconfortáveis, mas devem ser enfrentados. Contudo, na Era Digital, as redes sociais proporcionam um meio de fuga a estes confrontos inquietantes. O *Dasein*, confrontado com a *Angst* da sua existência, nua e crua, utiliza as plataformas para mergulhar em imagens, espetáculos e distrações selecionadas que oferecem a ilusão de

²² *Eigentlichkeit*, comumente traduzido para “autenticidade”, refere-se a um modo de existência em que o *Dasein* (ser humano) se apropria do seu ser e vive de acordo com o seu verdadeiro potencial. Contrasta com *Uneigentlichkeit* (“inautenticidade”), em que o *Dasein* se perde no mundo quotidiano e conformista de “Eles” (*das Man*). Cfr., WHEELER, MICHAEL (2020). *Martin Heidegger*. In “Stanford Encyclopedia of Philosophy”, edição de primavera.

estabilidade e pertença. As redes sociais oferecem uma casa digital, um mundo construído onde se pode escapar temporariamente à falta de casa-da-existência. No entanto, esta “casa” virtual é frágil e fugaz, exacerbando frequentemente os sentimentos de alienação (*Unheimlich*) quando o fosso entre o *eu* construído e o *Eu* autêntico se torna evidente. Em vez de aceitar a abertura existencial revelada pela angústia, o indivíduo procura refúgio nas estruturas tranquilizadoras dos espaços digitais - gostos, seguidores e comentários - que simulam significado, mas que, em última análise, são vazios²³. O *Dasein* entrega-se ao *das Man*.

²³ “Autoiludido, o indivíduo passa a se ver em terceira pessoa. Vive desvaneios de editor. Transforma sua vida comum (pois toda vida é comum) em uma película espetacular. Alternando constantemente entre ação, drama, sensualidade, religiosidade, ou qualquer outro viés conveniente, e vai editando o real, liquefazendo a rotina, glamourizando o tédio. Assim, distanciado de si, deixa que o avatar projetado vivencie a sua vida, enquanto resguarda a si mesmo de maiores dores. Despindo-se de sentimentos e relacionamentos, com a mesma fluência que cria suas próprias verdades”, BANDEIRA, NEHEMIAS; RONCHI, CARLOS CÉSAR (2019). *Redes Sociais: A Doce Tirania das Vidas Ex-*

3. A *Mauvaise Foi* Digital como Escape para a Liberdade

Quanto a SARTRE, a negação é uma característica profundamente humana face ao mundo (o “[...] ser humano não é somente o ser através do qual se revelam negatidades no mundo, também é aquele que pode ter atitudes negativas em relação a si”²⁴). A ironia, como ensina SARTRE, é uma das características mais subtis da perpétua negação: através daquela, o homem aniquila aquilo que indica, “[...] faz crer para não ser acreditado”²⁵. Mas, e como afirma o autor, a má-fé (*mauvaise foi*) é, em bom rigor, a atitude essencial para a realidade humana e para o carácter introspetivo da consciência. A má-fé (*mauvaise foi*) envolve o autoengano²⁶. Um

postas: Ensaio sobre a Transformação do Viver e Sobreviver na Era das Redes. Juruá, pp. 57-58.

²⁴ SARTRE, JEAN-PAUL (2021). *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Edições 70, p. 105.

²⁵ SARTRE, JEAN-PAUL (2021). *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Edições 70, p. 105.

²⁶ “Assimilamo-la frequentemente à mentira. Diz-se indiscriminadamente de uma pessoa que ela faz prova de má-fé ou que mente a si mesma. Aceitaremos facilmente que a má-fé seja mentir

indivíduo nega a sua liberdade e responsabilidade ao adotar papéis ou identidades estereotipadas. Para SARTRE, viver autenticamente requer a aceitação da fluidez (ὕγρότης) da existência e a responsabilidade de criar significado na ausência de uma essência preestabelecida. Nas redes sociais, o indivíduo envolve-se numa forma de má-fé ao construir múltiplos *eus* adaptados a públicos específicos - sejam amigos, colegas ou estranhos. O indivíduo instrumentaliza-se

a si mesmo, na condição de distinguir imediatamente esta mentira da simples mentira”; “Pelo contrário, a má-fé implica por essência a unidade de uma consciência. Isto não significa que ela não possa ser condicionada pelo Mitsein, como, aliás, acontece com todos os fenómenos da realidade-humana, mas o Mitsein só pode solicitar a má-fé apresentando-se como uma situação que a má-fé permite ultrapassar; a má-fé não vem de fora da realidade-humana. Não se sofre a má-fé, não se é infetado, não se trata de um estado. Antes a consciência se afeta a si mesma de má-fé [...]. Segue-se, primeiramente, que aquele a quem mentimos e aquele que mente são uma só e mesma pessoa [...]”, SARTRE, JEAN-PAUL (2021). *O Ser e o Nada: Ensaio de Ontologia Fenomenológica*. Edições 70, pp. 106 e 107, respetivamente.

e desonera-se da sua liberdade inerente através do derradeiro ato de liberdade. Cada perfil ou *persona* reflete uma tentativa de fugir à verdade da sua liberdade e à ansiedade de enfrentar o seu verdadeiro *Eu* (conceito que não utilizamos, aqui, em sentido sartriano). Ao conformar-se com as expectativas de vários *outros*, o indivíduo torna-se cúmplice da sua própria objetificação, tratando-se a si próprio como uma entidade estática em vez de aceitar o seu potencial (raízes no grego δυνητικός²⁷) dinâmico (raízes no grego δυναμικός²⁸). Assim, as redes sociais incentivam os indivíduos a compartimentar a sua identidade em *eus* fragmentados e dependentes do contexto. Cada *eu* digital é, assim, uma negação da liberdade autêntica do indivíduo e um ato de má-fé, uma vez que o indivíduo se trata como uma coisa, definida por validação externa²⁹.

²⁷ Vide, <https://lsj.gr/wiki/potencial>.

²⁸ Cfr., PEREIRA, ISIDRO (1969). *Dicionário Grego-Português e Português-Grego*. (4.ª edição). Livraria Apostolado da Imprensa, p. 93.

²⁹ “Autoiludido, o indivíduo passa a se ver em terceira pessoa. Vive desva-neios de editor. Transforma sua vida

4. As Nossas Identidades já estão Fraturadas

O *hūmānus* é uma criatura “composta” por fissuras e rachas, em bom rigor, um azulejo construído a partir de fragmentos (qransma) que muitas vezes não se encaixam (porque cada um desses fragmentos é “emprestado” por outras pessoas). Aquilo a que chamamos *Eu* (αὐτός, em grego antigo; *Self*, em inglês moderno)³⁰ não passa de um *puzzle* de peças incongruentes,

comum (pois toda vida é comum) em uma película espetacular. Alternando constantemente entre ação, drama, sensualidade, religiosidade, ou qualquer outro viés conveniente, e vai editando o real, liquefazendo a rotina, glamourizando o tédio. Assim, distanciado de si, deixa que o avatar projetado vivencie a sua vida, enquanto resguarda a si mesmo de maiores dores. Despindo-se de sentimentos e relacionamentos, com a mesma fluência que cria suas próprias verdades”, BANDEIRA, NEHEMIAS; RONCHI, CARLOS CÉSAR (2019). *Redes Sociais: A Doce Tirania das Vidas Expostas: Ensaio sobre a Transformação do Viver e Sobreviver na Era das Redes*. Juruá, pp. 57-58.

³⁰ O conceito de *Ser/Eu (Self)* refere-se normalmente à ideia mais ampla e abstrata da identidade de um indivíduo, da sua consciência e da sensação contínua de ser a mesma pessoa ao longo do tempo.

cada uma delas prometendo unidade, mas, ultimamente, servindo o caos (χάος³¹). Não somos um, mas uma multidão, e nesta multiplicidade reside o próprio coração da nossa inquietação. Cada avanço tecnológico leva-nos mais fundo na nossa multiplicidade identitária ao dividir as nossas identidades por ecrãs e plataformas, lançando, assim, ilimitadas sombras dos nossos *eus*

³¹ Em grego antigo, a palavra χάος (*caos*) refere-se ao conceito de um vasto e primordial vazio ou vazio que existia antes da criação do cosmos. Ao contrário do termo moderno “caos”, que muitas vezes implica desordem ou confusão, o grego antigo χάος era mais neutro. Representava a lacuna aberta ou o espaço sem limites de onde surgiram os primeiros elementos da existência, como a Terra (Γαῖα, Gaia) e outras divindades primordiais. Na Teogonia (Θεογονία) de HESÍODO, por exemplo, o caos é a primeira coisa que existe, um espaço a partir do qual tudo o resto se origina. Assim, o grego χάος não implicava tumulto ou anarquia, como acontece frequentemente hoje em dia; em vez disso, era um nada fundacional - um espaço de potencial que precede o universo estruturado. Só mais tarde, através de histórias mitológicas e interpretações filosóficas, é que o termo começou a adquirir conotações mais próximas da desordem, como vemos no seu uso moderno.

que se multiplicam a cada *click*. Tornamo-nos fragmentos dispersos numa rede que se liga sem coerência, *personas* fraturadas num mundo digital que reflete e amplifica as fissuras que já trazíamos dentro de nós. Outrora, talvez, caminhássemos pela terra com uma inocência semelhante à dos animais que vivem com um objetivo singular. Mas, agora, na nossa busca pelo esclarecimento, encontramos-nos sobrecarregados pelo pesado manto da (excessiva) autoconsciência, que nos fragmentou por dentro.

Imaginem, se quiserem, um espelho (o *Eu*) atingido por um único golpe (a Era Digital³²) que o estilhaça (em vários *eus*). Embora os pedaços permaneçam dentro da moldura, o espelho já não reflete uma imagem única e coerente, pelo que, talvez, HUME teria razão ao afirmar que o *Eu* é com o um conjunto de paus: aparece como um todo unificado, mas na verdade é um agregado solto de elementos distintos. Em vez disso, há inúmeras lascas, cada uma refletindo um ângulo

diferente, cada uma com uma perspectiva única sobre a mesma paisagem. Assim é a *anima* humana. O que consideramos identidade está, hoje, fraturado em mil impressões fugazes: um *eu* para a manhã, outro para a noite, outro para as pessoas que amamos e outro para as que tememos. E, aliás, agarramo-nos desesperadamente a esta miragem de unidade, tentando reparar as fendas com nomes, rótulos e estórias que contamos a nós próprios. Através da imaginação, seguindo HUME, “suavizamos” as descontinuidades das nossas percepções, ligando-as como se pertencessem a uma entidade única e coerente.

O que outrora poderia ter sido uma simples sensação de *ser* transformou-se numa crise existencial que lança a sua sombra sobre tudo o que fazemos. Somos apanhados numa cruel ironia: quanto mais percebemos, menos compreendemos (uma clara materialização da famosa máxima socrática). Os nossos sentidos falam-nos do mundo físico, mas as nossas mentes estão constantemente a desvendá-lo, questionando, duvidando e, *in fine*, chegando a um lugar de desespero. Aprendemos a ver-nos em toda

³² Sobre esta, com interesse, SCHMIDT, ERIC; COHEN, JARED (2013). *A Nova Era Digital*. Intrínseca.

a nossa fragilidade, mas, em vez de nos curar, esta visão levou-nos a uma confusão cada vez maior, afastando-nos ainda mais do sentido primordial. Estamos conscientes, demasiado conscientes, e, no entanto, paralisados por essa consciência. E assim continuamos, tropeçando para a frente com o nosso *Eu* quebrado, na esperança de um dia encontrar um lugar onde as peças se encaixem, onde os reflexos se alinhem. Dizemos a nós próprios que a unidade é possível, que um dia iremos compreender, mas, no fundo, no silêncio dos nossos corações, sabemos que isso é mentira ($\psi\epsilon\upsilon\delta\omicron\varsigma$).

Os animais à nossa volta vivem sem este fardo. Um lobo não questiona o seu objetivo; não pondera os mistérios da sua natureza. Ele simplesmente existe, uma parte harmoniosa do seu ecossistema, ligado pelo instinto, livre de dúvidas. Mas a humanidade separou-se de tal simplicidade.

Na nossa obsessão autorreflexiva, lançámo-nos para o exílio, já não pertencendo ao mundo natural, mas nunca o conseguindo transcender *in toto*. Somos fantasmas no nosso próprio mundo. Somos fantasmas nas nossas

próprias vidas, assombrados pela consciência de que somos estranhos a nós próprios³³. À medida que passamos mais tempo da nossa vida *online*, o mundo natural desvanece-se, tornando-se quase uma memória, uma vaga nostalgia, como algo que mal nos diz acorda, mas de que inconscientemente sentimos a perda; um suave sussurro do vento. Os

³³ “Notably, this phenomenon of digital estrangement often exerts a more profound impact on personal well-being than conventional forms of loneliness. There exists a dichotomy between one’s physical existence and digital persona, leading to a fragmentation of self-identity across these two realms. This dichotomy often leaves individuals grappling with the challenge of defining their authentic selves in an increasingly digitalized world [...]. Individuals may be physically present and engaged in their immediate environments, yet mentally and emotionally invested in their digital personas. This dual existence prompts a replication of self, where the virtual persona may overshadow the realities of the physical self. In the context of digital society, technology not only ushers in new realms of enjoyment and freedom but also offers an ephemeral refuge from the unresolved complexities of real life”, HAMBALI, YULI AHMAD (2023). *Being in the Digital World: A Heideggerian Perspective*. In *Jurnal Aqidah dan Filsafat Islam*, vol. 8, n.º 2, p. 275.

nossos ecrãs, brilhantes e implacáveis, são como uma fogueira à volta da qual nos reunimos (quase como mosquitos), mas, em vez de nos aquecerem, deixam-nos frios e isolados (mas, ao menos, em conjunto)³⁴.

³⁴ “As redes sociais uniram as pessoas, isso é fato. Contudo, não como uma autoestrada larga, pavimentada e sinalizada, que possibilita fácil acesso e evita desvios indesejados. Ela ligou pessoas como um labirinto. Todos estão lá e sabem que os outros também estão. Dividir as aventuras e os riscos do labirinto produz uma curiosa sensação de comunidade e cumplicidade, mas de fato, ninguém se encontra. Os acessos nem sempre são abertos para se achar, alguns são abertos para se perder. A existência compartilhada na imprecisão do labirinto funciona como uma cola poderosa. É a ‘solidão interativa’ na qual mesmo rodeado de tantos contatos e curtidas, cada um sente-se sozinho. A comunhão das selfies, a amizade das curtidas, a cumplicidade dos compartilhamentos, mostram-se arremedos precários para a necessidade visceral de relacionamento que regula a vida humana. Todo frisson obtido e compartilhado nas redes sociais não tem o objetivo ou mesmo a possibilidade de saciar. À semelhança do sedento, que procura aplacar a sede com água salgada, cada novo gole ampliará ainda mais a necessidade do próximo”, BANDEIRA, NEHEMIAS; RONCHI, CARLOS CÉSAR (2019). *Redes Sociais: A Doce Tirania das Vidas Expostas: Ensaios*

E talvez, nesta proliferação caótica de *eus* digitais, a nossa procura de unidade tenha sempre sido mal orientada. Talvez nunca tenhamos sido feitos para sermos um só, mas sim para sermos muitos, peças dispersas de um *puzzle* complexo (πολύπλοκος ou χαλεπός) que não se encaixa perfeitamente. *In fine*, a tecnologia, tal como a humanidade, pode estar para sempre (*in aevum*) fraturada. Pode servir não como uma cura para a nossa fragmentação existencial, mas como um instrumento da nossa evolução para abraçar a dissonância como a única verdade que possuímos. Tal como as fendas são por onde a luz entra, os nossos *eus* digitais fragmentados são onde vislumbramos pedaços da unidade que desejamos, mesmo quando nos afastamos dela. Nesses reflexos, podemos encontrar não a totalidade que procurávamos, mas a estranha e caleidoscópica beleza do nosso *Eu* fraturado - o único espelho verdadeiro que alguma vez conhecemos.

sobre a Transformação do Viver e Sobreviver na Era das Redes. Juruá, p. 26.

COOPERATIVE EQUILIBRIUM STABILITY UNDER ALGORITHMIC COLLUSION

SOFIA PIRES³⁵

ABSTRACT: This paper provides a discussion on the possibility of pricing algorithms used in digital markets being a tool capable of overcoming traditional limitations to sustaining tacit collusion. In fact, a critical analysis of the literature may suggest that the automatized monitoring of competitors and the reduced need for communication under algorithmic collusion can increase incentives to keep cooperative equilibria, both by reducing expected gains from deviation and the chances of detection. Further research is needed to assess the true risk of sustained algorithmic collusion, but this idea already consists in an alert to competition authorities to adapt their action to new harms to competition and consumer’s welfare that may come with technological progress.

KEYWORDS: algorithmic collusion, artificial intelligence, industrial organizations.

³⁵ The author holds a bachelor’s degree in Economics from University of Minho, where she is currently in her first year of the master’s program in Economics. During her undergraduate studies, she worked with the Portuguese Competition Authority (AdC), conducting impact analysis on legislation affecting taxis and Uber in the transportation market. She also received the University of Minho Award for Junior Researchers (Prémio UMinho de Iniciação à Investigação Científica) for her work on the project *The Losers of Representation*, funded by the Foundation for Science and Technology (FCT). She is also a Junior Researcher at the Center for Research in Economic Policies (NIPE), contributing to the Economic and Social Council (CES) project *Who Pays for the Scratch Card?*. Her research focuses on industrial economics and market regulation, voter behavior, and individual choice.